

## REGISTRO BIBLIOGRÁFICO

ROCHA LIMA. *Dois momentos da poesia de Manuel Bandeira*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1992.

Esta elegante **plaquette**, de 64 págs., prefaciada por Antônio Houaiss, é dedicada à **sua** querida Maria de Lourdes, a Mariota do seu coração. Os "dois momentos" são: a) "Canção de muitas Marias"; b) "Os sapos" (uma interpretação). O prefácio de Antônio Houaiss tem o sugestivo título "Águas claras e cantantes". A ele se segue o "Pórtico", do próprio Prof. Rocha Lima, legado exemplar e comovente de toda uma vida dedicada ao magistério, ao magistério apaixonante da língua portuguesa.

"Canção de muitas Marias" é o título da poesia de Bandeira que Rocha Lima estuda no primeiro "momento". Surgiu da pungente saudade que lhe ficou de sua irmã "encantada", Maria Cândida. Em "Os sapos", outro poema do grande Bandeira, faz Rocha Lima uma (re) interpretação do que lhe pareceu o verdadeiro sentido dos seus versos. E, nessa reinterpretção, discorda frontalmente da convicção generalizada "de esta sátira representar simples crítica demolidora ao modelo bilauiano – repudiado como símbolo do passadismo", pois acredita encerrar ela "significação muito mais ampla e profunda" (p. 38). E essa significação iria deparar-se-nos na p. 51, quando Manuel Bandeira "retorna à autenticidade do seu lirismo inato, ao descrever, nas três estrofes finais, o agudo desalento do sapo-cururu, 'transido de frio', 'sem glória, sem fé', a soluçar solitário, à beira do rio: a imagem da alta e pura poesia". **E aí encontramos a verdade do poema**, conclui singelamente Rocha Lima.

Nesses dois estudos se revelam a competência e a sensibilidade de mestre Rocha Lima. Em "Canções", é o filólogo que se alteia à Estilística e à análise literária; em "Os sapos", o intérprete se envolve diretamente na magia estilístico-literária do poema.

Ao virarmos a última página da **plaquette**, o Pórtico não se fecha. A lição e o exemplo do Mestre continuam a ressoar na mensagem que o Tempo irá entregar às novas gerações. Disse-o muito bem Antônio Houaiss: "Carlos Henrique da Rocha Lima – por seu magistério, por suas aulas, por sua devoção à nossa língua (e o que ela encerra como elixir de nossa sobrevivência coletiva), pela legião de seus ex-alunos gratos, pelas obras que nos deu – é (e não precisará jamais morrer para sê-lo) alguém cuja vida é de si um documento, um monumento e um sacramento".

S. E.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de et alii. *O conto popular na Paraíba* (um estudo lingüístico-gramatical), João Pessoa, UFPb, 1992, 139 p.

As colaboradoras do presente estudo, a cuja frente se encontra a Prof. Adj. da Universidade Federal da Paraíba Maria do Socorro Silva de Aragão, são, em ordem alfabética: Cleusa Palmeira Bezerra de Menezes, Francisca Neuma Fachine Borges e Geralda Soares Lucena. A estrutura do trabalho é a seguinte: 1 – Apresentação; 2 – Introdução, subdividida em Considerações gerais sobre o conto popular, Objetivos, Metodologia; 3 – Elenco dos contos; 4 – Análise lingüístico-gramatical dos contos, subdividida em Comentários gerais e Comentários específicos; 5 – Glossário; 6 – Bibliografia. No final encontram-se os dados biográficos das quatro co-autoras.

*O conto popular na Paraíba* integra-se num projeto maior voltado para o estudo de "A cultura popular nas escolas rurais paraibanas". O objetivo principal desse Projeto "é a recolha, análise, reelaboração e aproveitamento das manifestações artístico-culturais usadas como formas de comunicação e expressão daquelas comunidades [rurais], tais como: contos populares, usos e costumes, crenças, lendas e mitos, música, danças, teatro, artesanato, cozinha, medicina e meteorologia popular" (p. 2). É de ressaltar o interesse que os estudos de cultura popular vêm despertando na Paraíba. Na "Apresentação", as autoras chegam a escrever: "a Paraíba converteu-se no mais importante centro de estudos da literatura popular no Brasil". Quanto, mais especificamente, ao aspecto da língua popular, de grande valia e interesse têm sido os trabalhos da Profª Drª Maria do Socorro Silva de Aragão.

Neste breve registro, limitamo-nos a sublinhar a excelente contribuição que, no estudo do conto paraibano, as ilustres mestras universitárias vieram trazer para o melhor conhecimento da fala popular brasileira. Contudo não podemos evitar a observação, que confirma o que venho dizendo a respeito, da unidade notável da língua portuguesa no Brasil, quer ao nível culto, quer ao popular. Alguns rápidos exemplos comprobatórios, colhidos exatamente nos "Comentários específicos": **adepois** (a + depois), **adivinhano** (-ndo > -no), **agasaíá** (agasalhar; -lh- > -y-), **alpende** (alpendre; oclus. + r > oclus. + φ), **armoçá** (almoçar; l pós-vocálico + cons. > r), **comero** (comeram; ditongo nasal átono final passando a õ e depois a o, desnasalizando-se); **cumo** (= como) e várias outras formas bastante generalizadas e conhecidas da fala interiorana de nossa gente.

S.E.

\*\*\*

MONTERO SANTALHA, José-Martinho. *A cantiga "Dissérom-m' hoj', ai amiga, que nom"*.

Trata-se de uma separata da revista *Agália*, nº 29, de 1992.

A cantiga em apreço pertence ao trovador Paai Gómez Charinho, assassinado a punhal em 1295. Após a edição crítica do texto da cantiga, cujas fontes manuscritas estão nos Cancioneiros da Biblioteca Nacional de Lisboa (antigo Colocci-Brancuti) e da Vaticana, segue-se um estudo sobre a expressão **jogar bem/mal (a alguém)**. O editor alinha também as edições precedentes e outras formas de reprodução da cantiga. Dentre as edições precedentes inclui a do nosso pranteado Celso Ferreira da Cunha, Rio de Janeiro, 1945. Contudo, a esse respeito, diz em nota:

A edição de Celso Cunha deve de ser exclusivamente escolar; o autor nom chegou, ao que parece, a prepará-la para publicação aberta. Tavani observa ao respeito que, de tal edição "non ho potuto prendere visione neppure rivolgendomi all' autore" (*Repertorio metrico*, [citado na nota 25], p. 474).

Na referida nota, observa ainda Tavani que se trata de edição poligrafada.

A edição do Prof. Montero Santalha é criteriosa e obedece aos rigores dos padrões ecdóticos. Na fixação do texto crítico, atendeu aos trabalhos anteriores de Teófilo Braga, Carolina Michaëlis e José Joaquim Nunes. A respeito da edição de T. Braga, faz o seguinte comentário:

A pesar de esta edição pertencer ao que podemos chamar "a etapa pré-científica" dos estudos sobre o nosso trovadorismo medieval, é grande o peso que, mais bem por inércia, segue a exercer nas edições mais recentes (mesmo de grandes filólogos como Carolina Michaëlis, Nunes ou Rodrigues Lapa), como teremos ocasiom de verificar na presente cantiga.

Quanto à expressão **jogar bem/mal (a alguém)**, só a primeira ocorre na cantiga estudada: "ca jogou / mui bem a mim". O A. não conseguiu documentar tal expressão em outro texto medieval, mas acredita na sua existência, porque: a) existia a expressão antitética **jogar mal / lai (a alguém)**; b) em espanhol medieval está documentada a expressão **jogar bien**. O sentido de **jogar mal** é o de "pregar uma peça de mau gosto, comportar-se mal, fazer maldade". A expressão tem origem provençal (cfr. **jogar lai**, provençalismo, como pensa Montero Santalha) e nos deve haver chegado através da Espanha; não esqueçamos que Charinho era galego.

Os manuscritos medievais, nascidos da pena de copistas tantas vezes desatentos, dá margem a reiteradas conjecturas. A esse propósito, transcreve M. Santalha uma

declaração de Rodrigues Lapa na 1ª ed. das suas *Cantigas d'escarnho e de mal dizer*, referente a seus recursos a "calafetações" (na 2ª ed. suprimiu-se o Prefácio):

Cada um faça o caso que quiser dessas interpolações, que valem como exercícios de intuição literária e estilística, acaso admissíveis, uma ou outra vez.

As páginas finais da *Separata* são ocupadas por longa e pormenorizada *Corrigenda*, o que demonstra a preocupação do A. com a seriedade e rigor do seu trabalho.

S.E.

\*\*\*

*Estudos universitários de língua e literatura*. Homenagem ao Prof. Dr. Leodegário A. de Azevedo Filho, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1993.

É com particular júbilo que *Confluência* registra o aparecimento desta miscelânea de estudos em homenagem ao Prof. Leodegário A. de Azevedo Filho. Professor de raça e de vocação, tem Mestre Leodegário atrás de si (e ainda há muito que percorrer) uma brilhante trajetória de estudos dedicada ao melhor conhecimento e aprofundamento da língua e da literatura portuguesa. Professor Emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Titular de Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, docente em Universidades européias, especialmente na Alemanha (Colônia) e em Portugal (Coimbra), a sua atividade como professor e pesquisador tem sido das mais proficuas. Vale ressaltar o estudo crítico que vem fazendo da obra lírica de Camões (do qual já saíram três dos provavelmente dez volumes que a Imprensa Nacional/Casa da Moeda, de Lisboa, terá de editar), trabalho de excepcional relevância, tanto no que diz respeito à delimitação do *corpus*, como no tocante ao estabelecimento do texto crítico. Para quem conhece os percalços postos no caminho que leva à decifração do problema do cânone lírico do Poeta (na verdade, toda a sua obra lírica é de publicação póstuma, sem apoio em qualquer original conhecido), pode avaliar o amor, ou antes, a paixão filológica que arrastou a inteligência e saber de mestre Leodegário para tarefa de toda uma vida.

A presente Homenagem desdobra-se em quatro partes: I – Colaboração Nacional, II – Colaboração Internacional, III – Documentário, IV – Tábula Gratulatória. Na parte "Nacional", são quarenta os colaboradores e, na "Internacional", vinte e dois. Os colaboradores nacionais são todos nomes dos mais categorizados e respeitados na área de estudos humanísticos. Dispensamo-nos de exemplificar. No tocante, porém, à parte internacional, não podemos esquivar-nos à menção de

certos nomes, tais as ligações estreitas e eminentes que têm mantido com a cultura luso-brasileira: Albano Martins, Alfredo Margarido, Ana Hatherly, Antônio Quadros, Arnaldo Saraiva, Eduardo Lourenço, Emanuel Paulo Ramos, José Pedro Machado, Vasco Graça Moura (Portugal), Arthur Lee-Francis, Fred M. Clark (Estados Unidos), Barbara Spaggiari, Giulia Lanciani, Giuseppe Tavani (Itália), Bernard Pottier, Paul Teyssier (França), Pavla Lidmilova (Tchecoslováquia).

Com este Registro, *Confluência* se associa prazerosamente à justa e alta homenagem que, nesses *Estudos*, se presta a um mestre competente, dedicado e amigo, e, sublinhemos, na atualidade, um dos mais eminentes cultores dos estudos lingüísticos e literários portugueses e brasileiros.

S. E.

\*\*\*

GALVÃO, Jesus Bello. *Apontamentos de leituras*: I – Lendo João Ribeiro, Curitiba, 1991; II – Lendo João Ribeiro (Páginas de Estética), Curitiba, 1992.

O Prof. Jesus Bello Galvão, Titular aposentado da Universidade Federal Fluminense, continua, para o bem das letras pátrias, a dar o seu valioso contributo à área de estudos que elegeu. Na acolhedora Curitiba, que se vai convertendo na cidade-modelo do Brasil e para onde se transferiu, emprega proveitosamente o tempo dito de lazer na leitura e releitura de obras que concorreram lapidarmente para a formação do seu espírito. É o que está acontecendo com a produção de João Ribeiro, um dos grandes mestres que fizeram avançar a ciência no Brasil, juntamente com Said Ali, Capistrano de Abreu, Sílvio Romero, Nina Rodrigues, Rodolfo Garcia, só para lembrar alguns paradigmas.

No vol. I, coligiu J.B. Galvão fatos e opiniões críticas de João Ribeiro sobre onze filólogos brasileiros (nos quais incluiu o espanhol Américo Castro que viu a luz do dia em terras brasileiras), colhidos no vol. V, *Filólogos*, das *Obras de João Ribeiro*, editadas por Múcio Leão (1961). No vol. II, o alvo da releitura crítica de JBG são as *Páginas de Estética*, na 2a. ed., 1963, da Livraria São José. Há, em Apêndice, um soneto, *Deus*, de Gilka Machado, dedicado a João Ribeiro, e outro do próprio Jesus Bello Galvão, também dirigido ao Mestre, vibrantemente intitulado **João! João!! Ó João!!!**

Antecede o volume dedicatória a uma plêiade de brilhantes e notáveis amigos, entre os quais Jesus generosamente quis me colocar.

S.E.

LIMA, Sônia Maria van Dijk. *Lendo Hermilo Borba Filho* (Fisionomia e Espírito de uma Literatura), São Paulo, Atual, 1986.

A autora integra o corpo docente da Universidade Federal da Paraíba, área de estudos lingüísticos e literários. Os seus interesses maiores são a língua portuguesa e a teoria literária. Ainda recentemente (15 a 18 de outubro de 1991) coordenou o III Encontro de Ecdótica e Crítica Genética, realizado com pleno êxito em João Pessoa. O autor estudado, Hermilo Borba Carvalho Filho, nasceu em 1917, no município de Palmares, PE, e faleceu, em 1976, no Recife, quando ainda não completara 60 anos de idade. Embora não tivesse vivido muito, trabalhou com afinco, no jornalismo, no teatro (a sua primeira e duradoura paixão), no ensino, na direção de instituições oficiais, na vida pública em geral. Escreveu peças de teatro (algumas em verso, como *A Donzela Joana*), romances, obras de análise e crítica. Foi condecorado pelo Governo Francês com o título de Chevalier de l'Ordre des Arts et des Lettres. Casou-se em segundas núpcias com Leda Alves, católica convicta, que o reconduziu à fé cristã.

Esses dados, e muitos outros, estão no trabalho da Profª van Dijk, que, evidentemente, os traz como introdução ao seu trabalho. A obra do pernambucano Hermilo Borba Filho está inteiramente embebida na seiva cultural da terra nordestina, alma de toda a sua produção literária. É o sentido e a natureza dessa contribuição original que a Profª van Dijk Lima estuda neste opúsculo de setenta páginas, mas denso de felizes e atiladas interpretações. De fato, como diz o subtítulo de *Lendo Hermilo Borba Filho*, o seu estudo nos devolve, com argúcia e perícia, a fisionomia e o espírito de uma literatura.

S. E.

\*\*\*

SPAGGIARI, Barbara et alii. *O Renascimento italiano e a poesia lírica de Camões*, Niterói, EDUFF / Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1992.

Os outros colaboradores desta pequena miscelânea (93 p.) são os professores José Antonio Sabio Pinilla e Leodegário A. de Azevedo Filho.

Consta a edição de: Apresentação, Prólogo, Conferências de Barbara Spaggiari, Intervenções de Leodegário A. de Azevedo Filho e Conclusão. O Prólogo é da autoria do Prof. José Sabio Pinilla, da Universidade de Granada, Espanha. Nele se faz excelente resumo da questão da lírica de Camões, desde Faria e Sousa a

Leodegário A. de Azevedo Filho. E a sua conclusão é a seguinte: "Superando as bases metodológicas da crítica anterior pela atenção prestada aos manuscritos, pela precisão da argumentação e pelo aprofundamento na questão textual, o Prof. Leodegário. A. de Azevedo Filho inaugurou um novo método de trabalho nas questões de autoria e, sobretudo, nos problemas de Crítica Textual" (p. 14). A Prof. Barbara Spaggiari pertence à Universidade de Perugia, Itália. As conferências incluídas no presente trabalho são as seguintes: "O Renascimento italiano e a lírica de Camões" (que dá título ao volume). "A obra lírica de Camões e seus problemas", "A ode IX de Camões: Fixação do texto e apreciação literária" e "A lírica de Camões: estado atual da questão". Como se vê, temas do maior interesse, tratados com a competência de uma universitária européia, o que torna indispensável este pequeno livro numa selecionada bibliografia crítica camoniana. As duas intervenções do Prof. Leodegário ("A teoria do cânone mínimo na lírica de Camões" e "A lírica de Camões e o possível modelo genético-crítico") reforçam o caráter deste volume como contribuição imprescindível para o deslindamento da complexa questão da lírica de Camões. De passagem e em relação à fixação do texto do Ode IX, deixo posta aqui minha desvaliosa opinião a favor das interpretações *Pasitea* e *Oriente*, como está em Faria e Sousa e no ms. Juromenha, e não *Panopea* e *Horizonte*, como se lê em MA e RI, no que sigo o ponto de vista do Prof. Leodegário. Na Conclusão, redigida certamente pelo Prof. Leodegário, são fundamentais, na qualidade de ponto de partida para futuras investigações, as conclusões de número 1 a 6, pp. 90-91.

S. E.

\*\*\*

ARAÚJO, Antônio Martins de. *A Jornada do Maranhão* (Ortografia, Morfossintaxe, Estilo e Léxico), Academia Maranhense de Letras, 1992.

Trata-se de Separata da Revista Academia Maranhense de Letras, v. 73, nº 17, de maio de 1992. O autor é doutor em Letras Vernáculas e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nesta cidade, onde reside, pertence aos quadros efetivos da Academia Brasileira de Filologia e do Círculo Lingüístico do Rio de Janeiro. Mestre da língua, no sentido teórico e prático, distingue-se também pelas qualidades de conferencista e casticismo de linguagem.

O presente artigo-ensaio ocupa-se com o estudo do texto *A Jornada do Maranhão por ordem de Sua Majestade feita o ano de 1614*, da autoria de Diogo de Campos Moreno, a quem o Prof. Martins de Araújo chama "deslembrado" e de quem diz apenas ter sido "braço direito do de Albuquerque e cronista da guerra santa nossa". A primeira edição é de 1812, pela Academia Real das Ciências, em Lisboa. A 1a. ed.

brasileira é de 1874 e foi inserta por Cândido Mendes de Almeida em suas *Memórias para a história do extinto Estado do Maranhão*. Há 2a. ed. bras., às expensas do Consórcio de Alumínio do Maranhão – ALUMAR, 1984. No presente estudo, o Prof. Martins de Araújo não reedita o texto da *Jornada*; o seu objetivo foi apreciar-lhe as características regionais e clássicas, assim distribuídas: alguns casos de fonética sintática, morfossintaxe, recursos estilísticos, glossário (ao qual dedica o maior número de páginas do artigo). Existe ainda uma "Bibliografia de Apoio", necessária para a elaboração do glossário. A parte semântica fundamenta-se principalmente em Bluteau e Morais Silva.

A linguagem do autor da *Jornada* é tipicamente clássica; os regionalismos que ocorrem, se regionalismos são, não passam de nomes tópicos de coisas da natureza ou próprios da cultura indígena. Mais interessantes são as formas clássicas conservadas no falar do povo maranhense, testemunhos, ainda uma vez, da reconhecida "arcaicidade" do português do Brasil. Alguns exemplos: **ajuntar, amoestar, avoar, brabo, contia, corage, devação, entoncos, liança, (aliança), pertender, salvage, sujigar** (var. de **sujugar** por **subjugar**). Curioso o hibridismo **sexágono**, hoje substituído por **hexágono**. O Prof. Martins de Araújo julga necessária e urgente uma nova edição da *Jornada*. Porque, diz, impõe-se.

Agora, com a fixação do texto à vista das edições oitocentistas, glossário de nomes próprios e comuns, e tudo o mais que a torne uma bela edição crítica da obra, incluindo-se nela, é claro, as duas introduções preparadas pelos acadêmicos José Sarney e Josué Montello. (p. 159, numeração da RAML)

S. E.

\*\*\*

BARCELOS, Álvaro. *A linguagem da Baixada Goitacá*, Rio de Janeiro, Lucerna, 1992.

O autor é professor de Lingüística da Faculdade de Filosofia de Campos, Estado do Rio de Janeiro. A Baixada Goitacá, ou Baixada Campista, pertence ao município de Campos e conta com 75000 habitantes. Com o nome de Campos dos Goitacases, chegou a Capitania da Coroa. Os índios goitacases a princípio reagiram valentemente contra a invasão de suas terras, mas acabaram por compor-se com a superioridade tecnológica do colonizador. A principal riqueza da região é a agro-indústria açucareira.

O pequeno estudo do Prof. A. Barcelos (48 p.) está assim estruturado: Perspectiva histórica, Corpus (a escola das "palavras e coisas", a linguagem da Baixada Goitacá, glossário), Apêndice: o romance *O coronel e o lobisomem*, Conclusão, Notas, Bibliografia.

Ao procurar definir os caracteres gerais da escola das palavras e coisas, o professor Barcelos deixa-se tomar pelo entusiasmo de jovem lingüista e fala-nos de um "genial" Charles Bally e de um "imenso austríaco", Hugo Schuchardt, que, embora tivesse ensinado em Graz, era alemão.

No estudo da linguagem da Baixada Goitacá, deteve-se o A. particularmente no léxico. E faz a respeito a seguinte advertência: "procuramos registrar no glossário apenas palavras não dicionarizadas ou umas poucas dicionarizadas com outros significados" (18). Critério louvável, pois é muito comum os léxicos regionais alinhar palavras de cunho geral no país e, portanto, já constantes de outros léxicos. Ficamos assim conhecendo que, na Baixada, **agicar** quer dizer "apertar, incomodar", **benevana** é "égua", **canzoada**, metaforicamente, designa "grande porção de alguma coisa": **canzoada de filhos**; **catiço** é "esperto, malandro", "grampo de cabelo" é **friso**, **furfurar** (bela onomatopéia) é "soprar", **horinstante** é "repentinamente", **lambreta** designa a "sandália de borracha", **suficiente** diz-se da "moça virgem", **zampar** vale por "empurrar". Lembro aqui que **chuisco**, espécie de doce de ovos e farinha, é guloseima que já se vai generalizando no Rio; conheço até uma doçaria no Leme cujo nome é **Chuisco**. Quanto a **pinguela** "pequena ponte de tábua ou vara de bambu", é termo bastante conhecido e já dicionarizado; veio-nos de Portugal, onde tem o sentido, próximo do nosso, de "vareta, pauzinho". Se brasileirismo é, trata-se de brasileirismo semântico.

Além do léxico, reporta-se o A. a brevíssimos fatos sintáticos. De ressaltar o uso modal da preposição **de**: "Aquele moço gosta de passear **de** sozinho".

O opúsculo traz ainda um Apêndice, onde o A. estuda algumas particularidades de linguagem do saudoso romancista José Cândido de Carvalho – "campista exaltado, amava sua terra e tinha pela Baixada um carinho especial" – em sua obra de maior divulgação, *O coronel e o lobisomem*.

O livrinho do Prof. Álvaro Barcelos distingue-se pela contribuição original para melhor conhecimento da "realidade lingüística brasileira", em especial de uma região que, pela sua proximidade de um grande centro urbano como é a cidade do Rio de Janeiro, poderia parecer não apresentar grande interesse para uma pesquisa de cunho dialetológico.

S.E.

\*\*\*

MELO, Gladstone Chaves de. *A excelência vernácula de Gonçalves Dias*, Niterói, EDUFF, Rio de Janeiro, PRESENÇA, 1992, 225 p.

O Prof. Gladstone Chaves de Melo é nome que dispensa adjetivos e apresentações, pelo prestígio de que goza entre os que conhecem o significado autêntico da palavra "cultura".

O trabalho foi inicialmente apresentado como tese de concurso para a cadeira de Língua Portuguesa, tendo sido unanimemente aprovado pela Banca Examinadora. Convertido em livro, passa a beneficiar alunos e professores de nossas Faculdades de Letras. O objetivo do estudo está nestas palavras do A.:

Mas o essencial é mostrar, com dados concretos e sobejos, a perfeita ortodoxia gramatical de Gonçalves Dias e seu vasto conhecimento da língua: sistema, norma, virtualidades e vocabulário (p. 11).

Trata-se, como se vê, de pesquisa na linha da língua literária, o que tem grande oportunidade. A distorção que vem atingindo os estudos lingüísticos no Brasil procura apontar a língua literária, mormente quando obedece aos padrões cultos, como instrumento faccioso das classes dominantes. Então passa-se a estudar quase que exclusivamente os falares regionais, ou antes, as falas populares, em nome de uma cultura popular, a cultura oprimida das classes exploradas, que viria, mais cedo ou mais tarde, a ser a cultura da nova classe dominante, graças à vitória do processo revolucionário comandado pelas elites esclarecidas...

O estudo das línguas em sua feição oral não constitui nenhuma novidade para os lingüistas. Investigações geolingüísticas de ontem, complementadas pelas de natureza sociolingüística de hoje estão aí para prová-lo. O que há de novo é o vírus ideológico que destorce essas pesquisas, colocando-as sob o signo da irremediável diversidade e apresentando a língua culta literária como contrafação da autêntica realidade lingüística do povo brasileiro, o que ofende a objetividade dos fatos.

A língua literária, na sua manifestação escrita (*littera* "letra") é o mais sólido elo da cultura ocidental (outra expressão execranda). Vem dos gregos, vem dos latinos, vem da ebulição filosófico-teológica das "trevas" medievais. Deságua no mundo moderno, racionalista, cientifizante, tecnologicamente miraculoso. Pois, como diz Gilbert Highet:

Sem ela [a impulsão greco-romana], nossa civilização não seria meramente diferente. Seria muito menos densa, mais fragmentária, menos intelectualizada mais materialista – de fato, o que quer que de riqueza que possa ter sido acumulada, quaisquer que tenham sido as guerras que hajam sido travadas, quaisquer que tenham sido as invenções que possam ter sido feitas, [o mundo moderno] seria menos digno de ser chamado uma civilização, porque suas rea-

lizações espirituais teriam sido menores. (*The classical tradition*, 1959:1)

E faltou a Idade Média...

Este livro do Prof. Gladstone merece maior atenção. Por enquanto ficamos neste registro.

S.E.

\*\*\*

*LÍNGUA PORTUGUESA*, publicação da Academia Brasileira da Língua Portuguesa, direção de Romeu Ritter dos Reis, Anos VII a XIII, Porto Alegre, novembro de 1992, n° 5.

O Prof. Romeu Ritter dos Reis, que acabamos de perder (v. *Noticiário*), vinha se destacando como um dos mais estrênuos defensores da genuidade da língua que de Portugal recebemos. Esta publicação é disso claro exemplo. Nela colaboram Vittorio Bergo "Hierarquia de valores na concordância do verbo ser"; Leodegário Amarante de Azevedo Filho "Fundamentos básicos da edição da lírica de Camões"; Maria Aparecida Barbosa "A Lingüística como ciência básica, seu desenvolvimento e aplicações"; Epitácio Torres, "Para uma política do idioma". Seguem-se os currículos dos professores Nereu Corrêa de Sousa, Celestino Sachet e João Nicolau Carvalho, registro do falecimento dos professores Celso Ferreira da Cunha, Carlos Henrique da Rocha Lima (1991), José Rebouças Macambira (1992), Enéas Martins de Barros (1992), José de Arimatéia Tito Filho e Itamar Santiago Espíndola. Por fim, a Tábua dos membros efetivos da Academia de Língua Portuguesa.

A fundação da Academia e a publicação de sua Revista são dívidas que a língua portuguesa contraiu com os ideais de amor ao patrimônio cultural luso-brasileiro que vinham guiando ultimamente as atividades desinteressadas do Dr. Romeu Ritter dos Reis.

S.E.

\*\*\*

ELIA, Sílvio. *El Portugués en Brasil. História Cultural*. Madrid, Editorial MAPFRE, 1992, 330 p.

Este livro se insere no ciclo das comemorações ocorridas na Espanha, por motivo da passagem dos 500 anos do Descobrimento da América.

As "Colecciones MAPFRE 1492" compreendem mais de 250 livros, para cuja elaboração foram convocados mais de 300 especialistas. As *Colecciones* estão distribuídas de acordo com os seguintes temas gerais: **América 92, Índios de América, Mar y América, Idioma e Iberoamérica** (no qual se inclui o livro do Prof. Sílvio Elia), **Lenguas y Literaturas Indígenas, Iglesia Católica en el Nuevo Mundo, Realidades Americanas, Ciudades de Iberoamérica, Portugal y el Mundo, Las Españas y América, Relaciones entre España y América, España y Estados Unidos, Armas y América, Independencia de Iberoamérica, Europa y América, América, Crisol, Sefarad, Al-Andalus, El Magreb.**

Os capítulos do presente livro (ao todo vinte), estão agrupados nas duas partes em que a obra se divide, a saber: **Configuración histórico-social e Configuración lingüística**. Seguem-se "Apêndices", em número de quatro: **Bibliografía, Suplemento bibliográfico, Índice onomástico e Índice topónimoico.**

O texto original do trabalho está em português, mas aparece na Coleção em versão espanhola, que é, a língua oficial da Coleção.

E.B.

\*\*\*

MONGELLI, Lênia Márcia de Medeiros *et alii*. *A Literatura Portuguesa em perspectiva*, vol. 1, Trovadorismo Humanismo, São Paulo, Atlas, 1992.

O livro tem mais duas co-autoras: Maria do Amparo Tavares Maleval e Yara Frateschi Vieira. Lênia Márcia é professora-associada de Literatura Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de S. Paulo (USP); Maria do Amparo é professora-adjunta de Literatura Portuguesa da Universidade Federal Fluminense (UFF) e Yara Frateschi é professora titular de Literatura Portuguesa da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

A parte dedicada ao Trovadorismo foi escrita pelo Prof<sup>ª</sup> Lênia Márcia, a quem se devem os seguintes capítulos: **Preliminares, A novela de cavalaria: A Demanda do Santo Graal, A prosa historiográfica e Hagiografias**, e pela Prof<sup>ª</sup> Yara, que

redigiu o capítulo **A poesia lírica galego-portuguesa**. Da responsabilidade da Profª Maria do Amparo é toda a parte consagrada ao Humanismo. Aí se estuda a **prosa historiográfica, a pr. doutrinária, a pr. de ficção, o Cancioneiro Geral, Gil Vicente e o teatro**.

Precede os trabalhos uma **Nota prévia**, do Prof. Dr. Massaud Moisés, titular de Literatura Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP e diretor da série. **Completa o volume Bibliografia e Índice de nomes**.

Trata-se de obra de inestimável valor para os estudantes de Letras e desde já introdução necessária a quantos procurem ter uma idéia segura e concisa do que há de fundamental na literatura portuguesa pré-clássica.

S.E.

\*\*\*

FERRONHA, António Luís et alii. *Atlas da Língua Portuguesa na História e no Mundo*. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda – Comissão Nacional para os Descobrimentos Portugueses – União Latina, 1992.

Oportuna idéia do Coordenador desta publicação e da equipe que preparou o presente *Atlas da Língua Portuguesa*, publicação que contou com o apoio do Programa de Investigação da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, da Direcção-Geral da Cooperação do Ministério dos Negócios Estrangeiros, da Fundação Oriente e do Instituto Luís de Camões. Conforme acentua o Coordenador desta obra coletiva, o "*Atlas da Língua Portuguesa na História e no Mundo* não é um atlas lingüístico, pretende ser apenas um esboço de futuros estudos mais exaustivos, variados e globalizantes da Diáspora Portuguesa (...). A língua não tem fronteiras como visão peculiar do Mundo e, esbatidas as fronteiras políticas, a língua torna-se um facto cultural – porque captação da realidade, área de uma acção, definição e a espera de um possível". E conclui: "Como escreveu Heidegger, a linguagem é a morada do Ser". A Língua Portuguesa é hoje a morada de cerca de 200 milhões de seres espalhados pelo Mundo, e, justamente porque pessoa eu e pessoa os outros, respeitemos a língua em que ontologicamente nos foi dado morar".

Integram a obra, além da excelente Apresentação do Secretário Geral da União Latina, Philippe Rossillon, seis partes, cada uma das quais dotada de breves estudos, assinados por especialistas do mais alto nível e acompanhada de riquíssimo acervo de mapas e outras ilustrações magnificamente apresentado. A primeira parte – **Limite da Língua, Limite do Mundo** – oferece-nos os seguintes estudos: *A Chama Plural*,

págs. 12-13 (Eduardo Lourenço), *A Formação da Cultura Portuguesa*, 14-18 (José Mattoso), *Difusão Geográfica da Língua Portuguesa*, 19-23 (Carlos Alberto Medeiros), *Constituição e Elaboração da Língua Portuguesa*, 24-29 (Rita Marquilhas), *Dialectologia da Área Galego-Português*, 30-37 (Manuela Barros Ferreira).

A segunda parte – **África** – compõe-se dos estudos: *A Língua Portuguesa à Procura do Sul*, com informações histórico-lingüísticas acerca de Guiné-Bissau, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe, Angola (com o breve comentário *As Línguas Nacionais no Contexto Lingüístico Angolano*, de autoria de Vatomene Kukanda), Moçambique, Senegal, África do Sul, 40-71 (António Luís Ferronha).

A terceira parte – **Brasil** – está integrada pelo estudo *A Via Láctea da Lusofonia*, 72-90, devido a António Luís Ferronha e Mariana Bettencourt.

A quarta parte – **Ásia** – contém as colaborações intituladas *Expansão Portuguesa e Línguas Asiáticas (Séc. XVI - XVII)*, 92-104 e *A Língua Portuguesa no Oriente (Sec. XVI - XVII)*, 105-118, ambas de autoria de Rui Manuel Loureiro.

A quinta parte – **Línguas de Comunicação, Línguas da Necessidade** – está representada pelo estudo *Crioulos de Base Portuguesa*, 120-125, de Dulce Pereira.

A sexta parte – **O Mundo da Lusofonia** – encerra os estudos *A presença da Língua Portuguesa nos Estados Unidos da América*, 128-129 e *Os Números da Lusofonia*, ambos de António Luís Ferronha, a que se acrescenta a relação das *Principais Datas da História da Língua Portuguesa*, 133, transcrito de colaboração de Ivo Castro às Seleções do Reader's Digest, que leva o título *Falar Melhor, Escrever Melhor*.

Conclui a obra seleta *Bibliografia*, 134, pertinente à rica temática deste *Atlas da Língua Portuguesa na História e no Mundo*, que oferece ao leitor uma substancial e atualizada discussão acerca da história externa do nosso idioma, capaz, conforme as palavras introdutórias de Philippe Rossillon, "de dar a conhecer melhor no estrangeiro as dimensões reais e as perspectivas do mundo lusófono de hoje em dia, e as extraordinárias virtudes dos homens e dos povos que o construíram".

E.B.

\*\*\*